

Entrevista com David Taylor

Entrevista concedida por David Taylor, Membro da Sociedade Psicanalítica Britânica, em 29 de março de 2007, no Hotel Blue Tree Towers, à comissão editorial da Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre e convidados: Anette Blaya Luz (editora), Clarice Kowacs, Flávio de Oliveira e Souza, Gustavo Soares, Jussara Schestatsky Dal Zot, Lúcia Thaler, Maria Cristina Garcia Vasconcellos, Patrícia Fabrício Lago, Suzana Deppermann Fortes e Tula Bisol Brum.



Revista de Psicanálise (RP) – *Nós geralmente começamos perguntando aos nossos entrevistados sobre sua formação (background), sua influência psicanalítica e sua história na psicanálise.*

David Taylor (DT)–Ok. Vou me limitar à minha história na psicanálise. Basicamente, sempre me interessei por biologia e, quando jovem, decidi que uma educação na área médica oferecia uma variedade de oportunidades na área da biologia. Porém, desde que entrei na faculdade de medicina, sempre quis estudar o cérebro e a mente e já havia pensando em me especializar em psiquiatria.

Estudei em uma faculdade de medicina chamada *University College Hospital* em Londres, o que foi muito agradável. De vez em quando fazíamos algum trabalho, não com muita frequência. Depois de me formar, queria me tornar um médico verdadeiramente realizado. Então, trabalhei primeiro com crianças, praticando pediatria, inclusive na unidade neonatal, com bebês bem pequenos, e também trabalhei com neurologia por aproximadamente um ano. Depois, fui fazer minha formação como psiquiatra em um lugar chamado *Maudsley Hospital* em Londres, no Instituto de Psiquiatria, que naquele tempo era um tipo de universidade de pós-graduação. Embora fosse predominantemente psiquiátrico e baseado em estudos biológicos e orgânicos, seguia na época a política de tentar atrair os melhores profissionais em todas as várias subespecialidades. No departamento de psicoterapia, havia alguns psicanalistas excelentes, e esse era o departamento mais interessante para alguém como eu. As pessoas que estavam lá eram a principal inspiração. Havia um homem chamado Henri Rey, das Ilhas Maurício, muito influenciador e inspirador. Ele costumava dizer: “Eu posso dizer essas coisas extraordinárias neste ambiente empírico bastante inglês, porque eu tenho um sotaque francês. E isso significa que, de qualquer forma, as pessoas acham que sou louco”. Mas tratava-se de uma pessoa bastante respeitada por muitos psiquiatras. Inspirou, por sua vez, pessoas como Michael Feldman e John Steiner, que pertenciam a uma geração um pouco anterior à minha.

Enquanto eu estava lá, participei de um projeto de pesquisa com Michael Feldman por aproximadamente três anos. Era um projeto de pesquisa no Departamento de Psicoterapia, onde pesquisamos várias maneiras de tentar medir elementos do mundo interno. Uma particularidade desse projeto foi uma idéia que Michael Feldman desenvolveu como resultado da instigação de Henri Rey, algo chamado Grade de Auto-Imagem. Era uma grade de repertórios onde, basicamente, os pacientes deveriam descrever, de acordo com certas escalas, se eram bons ou maus, grandes ou pequenos, fortes ou fracos, ativos ou passivos e várias outras

coisas relacionadas a partes de seus corpos, assim como sobre eles como pessoas. Perguntava-se aos pacientes o que sentiam a respeito de seus rostos, de suas barrigas e assim por diante. Também fazíamos os mesmos conjuntos de perguntas com relação à mãe, ao pai e ao companheiro (a) do pacientes.

O resultado foi uma descrição muito boa, porque essas coisas funcionam juntas de algumas maneiras. A idéia era de que isso revisaria aspectos menos óbvios dos sentimentos das pessoas, da sua psique, do seu mundo objetal. Costumava chamá-las de fotografias da alma. Depois disso, fizemos outras coisas também, e então fui para a Clínica Tavistock, onde felizmente tenho trabalhado nos últimos vinte e seis anos.

Quando comecei a pesquisar no *Maudsley*, também iniciei meu treinamento analítico. Minha analista era uma colega de vocês, chilena, Ruth Riesenber-Malcolm. Fizemos uma análise bastante longa, não sei dizer exatamente quanto durou, mas bem mais de dez anos. Foi extremamente importante para mim, particularmente em certas fases da análise. Talvez os momentos mais difíceis tenham provado ser os mais valiosos. Acho que a experiência de ser analisado por uma pessoa que é capaz de manter a técnica analítica enquanto, ao mesmo tempo, encara a realidade dos sentimentos foi muito importante pessoalmente. Adquiri uma sensação muito sólida de convicção sobre muitas idéias analíticas e uma capacidade para reagir às circunstâncias quase que automaticamente, porque isso se enraíza profundamente. E descobri que isso é muito útil.

Eu era bastante jovem quando fui para a Clínica Tavistock, na verdade, estava fazendo minha formação como analista naquela época. De certa forma isso foi bom, mas, por outro lado, não tão bom. Fiz várias coisas no departamento de adultos. Fui chefe da unidade clínica e depois chefe do departamento de adultos por seis anos aproximadamente. Nos últimos cinco anos, até bem recentemente, fui diretor médico da Clínica Tavistock. Esse cargo envolvia muitas questões de gerenciamento que tomavam meu tempo cada vez mais e, na última parte da minha carreira, decidi que não queria mais fazer isso. Deixei então de ser diretor médico da clínica. Agora estou predominantemente envolvido com trabalho clínico e também com pesquisas de vários tipos. Muito da minha pesquisa, um grande benefício para mim, trata da depressão refratária em adultos, sobre a qual, mas não somente, falarei sábado. Passo mais ou menos metade do meu tempo na Clínica Tavistock. A outra metade é dedicada à minha prática psicanalítica. Faço aproximadamente vinte e cinco ou trinta horas de trabalho psicanalítico por semana.

Com relação ao meu desenvolvimento psicanalítico, meus supervisores foram Herbert Rosenfeld e Betty Joseph. Tive muita sorte a esse respeito. Também, nos primeiros tempos, tive supervisão de Hanna Segal. Em termos do meu

desenvolvimento profissional em andamento, uma parte muito importante tem sido o workshop clínico de Betty Joseph que ainda está ocorrendo, apesar de ela já ter noventa anos de idade. Ela oferece um ambiente muito bom para as pessoas trabalharem e desenvolverem suas idéias. É muito generosa. Assim, reunindo todas essas coisas, sinto que se leva muito tempo para amadurecer como psicanalista, mas agora me sinto maduro como tal. Há um momento muito breve em que se acha que se é o melhor, mas depois começamos a descer do pedestal.

RP—Como o senhor compreende que poderia haver aproximações, ou afastamentos, ou até mesmo uma complementariedade da sua proposta em relação à abordagem de Bion, considerando a proposta deste de um analista sem memória, sem desejo e sem necessidade de compreensão, portanto em um funcionamento mental mais próximo da intuição? Ainda nesse sentido, a sua proposta do reconhecimento de sinais empíricos no contexto da análise para embasamento das interpretações não apontaria para um funcionamento do analista em níveis mais próximos da cognição do que propriamente da emoção?

DT—Bem, a primeira coisa a dizer é que se trata de uma boa pergunta, porque seleciona uma questão que representa uma tensão permanente na análise e que se trata do equilíbrio entre os processos da razão ou do pensamento cognitivo, se preferirem, embora eu prefira a palavra razão à palavra cognição, e outros processos que talvez estejam mais próximos da lógica formal ou do raciocínio. Essa é uma questão que precisa ser constantemente negociada. Acredito que uma das suposições por trás da pergunta é a de que existe uma abordagem particular, que é a bioniana, em que há um modo particular de trabalhar que Bion recomendava. Devo dizer que tenho dificuldade com isso e que não é a maneira como vejo nem a psicanálise nem o trabalho de Bion. Mas sei que outras pessoas têm uma visão diferente sobre essas questões. Bion teve o grande dom de produzir, de maneira maravilhosa, frases ou formulações pertinentes e opostas muito arrebatadoras. A libertação da memória e do desejo é uma dessas formulações. Mas Bion pode ter tido a intenção de que essas formulações fossem seguidas pelas pessoas ou também pode ter tido a intenção de mencionar essas afirmações como verdades poéticas, em outras palavras, coisas verdadeiras mas que não devem ser seguidas como fórmulas. Devem ser seguidas em seu espírito, em vez de em termos de sua realização prática definível.

Só vi Bion duas vezes e nunca tive a oportunidade de discutir isso com ele. E, de qualquer forma, teria muito pouca experiência para fazê-lo. Mas, depois de ter lido o seu trabalho, pessoalmente não tenho muita certeza sobre qual foi a sua

intenção com essas formulações. Porém, mesmo que ele tenha querido que suas idéias fossem seguidas como fórmulas, eu não o faria, porque acredito ser crucial para o analista ter liberdade de pensamento, ter uma mente livre e formular a sua própria posição sobre as questões. Isso não quer dizer que todo mundo pode inventar a sua própria análise e que qualquer coisa vale, mas significar que existem condições para estar em análise. Significa que todos têm que passar por um processo, um processo pessoal que inclui um envolvimento com teoria e conhecimento, sua própria experiência e sua própria visão e chegar a essa posição como um agente independente. Isso significa que, do meu ponto de vista, a regra da autoridade sobre o conhecimento em psicanálise é uma das coisas mais perigosas. Porque assim o que se produz são seguidores ou adeptos, em vez de pessoas capazes de pensar de forma independente.

Qualquer que tenha sido a intenção de Bion, a minha decisão é a de ouvir e formar a minha própria opinião. Não quer dizer que o que eu pensar será tão bom quanto o que ele pensaria. Contudo, há uma ironia nisso, porque, na maior parte do trabalho de Bion, ele pensou a respeito dos perigos de uma atitude religiosa, da ortodoxia, e na maneira como idéias originais com grande poder podem se tornar degradadas dentro dessas fórmulas que as pessoas tratam como regras. Claro que isso não acontece somente com Bion, é uma problema que existe em todos os discursos humanos e talvez seja um problema especialmente na psicanálise.

Este é o contexto. Bem, a primeira coisa é que depende a que Bion vocês estão se referindo. Se vocês lêem o Bion da metade do período do seu trabalho, terão uma impressão. Se lerem o Bion do período mais tardio, terão outra impressão. Há uma questão sobre como ele mesmo integrava essas duas visões aparentemente diferentes. Provavelmente possamos estar falando, de certa forma, de mais de um Bion. Além disso, parece-me totalmente adequado que as pessoas desenvolvam idéias originais. É isso que as idéias poderosas fazem: elas permitem uma grande variedade de desenvolvimentos. É totalmente adequado haver diversidade de opiniões. Vocês não têm que adotar a mesma linha. Contudo, a minha linha é a do que eu retirei de Bion e também é um processo que tem no mínimo dois elementos. Um desses é o receptivo, é permitir ou estar aberto para a natureza dessa experiência e da comunicação emocional. Essa abertura é crucial. Se você não tiver isso, estará limitado com relação ao que pode produzir.

Bion falou sobre essa abertura nos termos de sua famosa referência à citação de Keats, John Keats, o poeta inglês. Aquela citação sobre capacidade negativa. A capacidade de existir no meio de dúvidas, mistérios e incertezas, sem se irritar com a ausência do fato e da razão. Mas o que geralmente não é compreendido é aquela seção em que Bion fala dessa abertura e quando ele se refere a algo chamado de

linguagem de realização, que a citação de Keats também inclui. Keats falou sobre o homem de realização. Ele estava dizendo, acredito que nós todos o sabemos, que uma vez que você internaliza a realidade, você passa a ter uma outra tarefa que é fazer alguma coisa com isso. Nós chamamos essa tarefa de publicação, podemos dizer que é a verbalização. De alguma forma, essa é uma tarefa técnica dentro da mente. Como você traduz coisas que são parte da experiência, que talvez não sejam palpáveis, mas que se podem ler, como você as traduz em pensamento verbal? Esse é um aspecto crucial de todas as nossas relações com os outros, incluindo grupos, nossa relação conosco e também com os sinais específicos da comunicação. Esse requisito parece-me ter sido relativamente negligenciado. Foi dada muito mais ênfase à abertura e muito menos ênfase ao que fazemos com os problemas para os quais estamos abertos, embora eu acredite que Bion tenha pensado sobre isso. Também é interessante olhar para a grade de Bion, que não passa de um resumo do seu pensamento em certo estágio. Essa grade reúne essencialmente o que ele chamou de razões cognitivas, que são os processos de pensamento e o contato com o pensamento, que é o processo emocional. Como essas coisas se influenciam, como elas se transformam? Seu trabalho foi muito dedicado a isso, ou seja, a como os sentimentos primitivos entram no pensamento, nos sonhos, nas imagens, nos mitos e em todo o resto. Bion também descreveu esse processo como empírico e observacional.

Portanto, o que tiro disso é que nós, como parte de um processo científico, primeiro devemos internalizar a realidade para depois racionalizar sobre ela. Devemos buscar o equilíbrio desses dois elementos. Se você dispõe muito de um em detrimento do outro, isso constitui um ponto fraco e vice-versa. Em outras palavras, reconheço o perigo sobre o qual acredito que a pergunta fala, mas por outro lado acredito ser um perigo necessário. Acho que há um outro perigo ao qual a pergunta não se refere e que é um tipo de aceitação da imprecisão e uma confiança na inspiração. A inspiração dificulta muito o debate do processo; você entra na atmosfera religiosa.

RP—*Que mudanças técnicas influenciadas pela obra de Bion se destacam na sua experiência clínica?*

DT—Bem, eu acho que poderia citar umas três. Acredito que uma delas tenha sido a atenção de Bion ao impacto emocional e à perturbação que surge do fato de se estar consigo mesmo ou de se estar com outra pessoa, em particular na situação analítica. O fato de se estar aberto a algo novo é um processo perturbador. Então, se você tiver sorte, há um processo de resolução através dessa idéia de um

fato selecionado e algo que traz coerência. Essas foram idéias que Bion retirou do trabalho de Poincaré, o cientista e matemático francês. Casualmente, li parte do trabalho de Jules Poincaré. Não sei se alguém de vocês conhece Poincaré, mas vocês sabem que Bion se refere a Poincaré. Realmente recomendo a sua leitura. Alguns de vocês provavelmente são falantes de francês e possam lê-lo no original, já que, talvez, não tenhamos tempo para falar sobre isso aqui, mas Jules Poincaré vai além de Bion. Primeiro ele descreve o processo deste fato selecionado como produto de uma enorme quantidade de trabalho mental quando não se consegue resolver o problema. Ele estava tentando resolver um problema de matemática muito importante e não o conseguia. Passou semanas tentando, e todas as fórmulas nas quais pensava não funcionavam. Então decidiu: “Estou farto disso, vou tirar umas férias”. Alguns dias depois, caminhando no topo de um penhasco na Bretanha ou em algum outro lugar e, de repente, um pensamento passou pela sua cabeça e ele disse: “É isso!” E foi isso que ele quis dizer: “Aquele trabalho não foi desperdiçado”. Sem aquele trabalho, não teria tido a idéia.

O que Poincaré disse ter feito naquele trabalho é que ele comparou moléculas de gás em um recipiente e estudou como elas se enganchavam umas nas outras. O que se faz quando se desenvolve um trabalho desses é que se desengancham todas as moléculas para que elas fiquem livres, em um recipiente e possam se mesclar. Ele disse que o processo de alguma coisa se unir a outra acontece durante o sono ou quando não se está pensando sobre alguma coisa. Mas na verdade só se tem a impressão de não se estar pensando sobre o assunto. O pensamento está acontecendo inconscientemente. Bem, depois disso, ele disse que ter o fato selecionado não significa que seja verdade. Significa que pode ser verdade. Então, é necessário testá-lo várias vezes, perguntar-se se é verdade e descrevê-lo. São coisas bem diferentes, sem dúvida. Este é um ponto.

Acho que vem de Bion essa contribuição da abertura. Acredito que o que auxilia a compreender a perturbação envolvida no processo é que ele consegue profundo contato analítico com os pacientes e ajuda outras pessoas a fazerem o mesmo. O ponto fraco disso é que talvez Bion não tenha deixado suficientemente claro, embora eu acredite que tenha feito isso pelo menos algumas vezes, que é necessário testar a inspiração. Devemos pensar: é isso o que Steiner e Britton chamaram de uma idéia supervalorizada, ou realmente é o que procuro? Esse é um dos itens com os quais ele contribuiu.

Bion contribuiu de muitas maneiras, uma outra maneira seria pela compreensão da natureza da atividade psicanalítica. Por exemplo, os elementos da psicanálise. Basicamente, ele fala sobre as funções da interpretação, o que pode ter a ver com a característica de abertura, de focar a atenção em algo que pode

estimular a exploração mais profunda, que pode ter a ver com um processo de registro de memória, ou seja, a notação. Pode ter a ver com uma interpretação que é uma ação formal capaz de produzir uma mudança e muitas outras coisas. Essas coisas habilitaram pessoas como Betty Joseph, por exemplo, que, embora trabalhe com um método totalmente diferente do de Bion, se considera profundamente influenciada por ele. Mais do que inspirada, acredito que ela tenha sido informada e instruída por Bion quanto a ser capaz de entender qual a intenção da interpretação analítica. As interpretações analíticas não são simplesmente afirmações de soluções. O analista faz muito mais do que expressar soluções e toda a variação de atividades. Esse trabalho de Bion nos ajuda a entender essas coisas. E quando conseguimos ver o que é, quais são as suas várias opções, nos sentimos auxiliados e livres em nosso funcionamento, nos sentimos mais confiante.

RP—Como está a procura por formação analítica e tratamento analítico no momento na Inglaterra?

DT—Falando primeiramente da situação dos pacientes, tem havido um enorme crescimento do número de terapeutas de todos os tipos. Alguns são terapeutas psicanalíticos muito bem formados, muitos deles treinados por analistas, na verdade, que atendem pacientes de uma a três vezes por semana, oferecendo bom tratamento. Mas muitos têm uma formação bastante deficiente, não muito rigorosa, não muito disciplinada. Há um movimento que está lentamente se encaminhando para a exigência de um registro profissional para todos os terapeutas no Reino Unido, qualquer que seja a origem teórica. Acho que isso é necessário para regulamentar a situação.

Também há o fato de que, como parte do espírito da época, as idéias psicanalíticas estão muito menos proeminentes do que já foram. Algumas vezes a psicanálise torna-se bastante marginalizada de maneira preocupante como, por exemplo, na psiquiatria ou na formação psiquiátrica. Há essa grande expansão da chamada revolução cognitiva, que acredito ser muito maior nos países falantes de inglês do que nos francófonos ou nos países de língua espanhola. Mas, pelo que sei, está vindo para o seu país em certo nível também, embora no Reino Unido pareça ter havido uma avaliação mais crítica quanto ao uso de medicação. É uma posição com maior ênfase no aspecto psicológico, predominantemente na psicanálise *per se*. Também diria que a terapia cognitivo-comportamental pode ser útil para muitas pessoas, mas sempre com limitações. Minhas principais objeções à TCC são que é uma teoria da mente humana e da personalidade bastante inadequada em termos

científicos. É limitada como terapia e seus resultados cientificamente comprovados são pouco convencionais quando se olha para os achados de maneira crítica.

Trata-se de um contexto muito competitivo. Hoje é mais difícil para os profissionais conseguirem pacientes cinco vezes por semana. Tenho visto profissionais experientes com horários vagos, o que antigamente não acontecia. Contudo, há ainda um outro dado: a psicanálise continua sendo procurada com bastante frequência por psicólogos que praticam psicanálise. Os melhores profissionais têm menos problemas para conseguir pacientes do que os não tão conhecidos ou tão competentes. É motivo de preocupação, mas não de alarme. Mas se você é jovem, particularmente com formação médica, eu lhe diria que há um risco bastante grande tentar seguir uma carreira de analista em tempo integral. Isso significaria sacrifícios de segurança econômica. Acho que em um prazo mais longo não é uma boa escolha. O mesmo vale para os candidatos. Também diria que, de certa forma, é irônico para os dois campos. No campo mais sofisticado, quando se é cientista, se continua a ter consciência das inadequações das considerações psicológicas sobre a psique humana que vêm da psicologia. Os cientistas se voltam para a psicanálise para buscar teorias sofisticadas da mente, porque os psicanalistas têm muito conhecimento sobre como a psique humana funciona. Essa é uma área. O perigo é que as pessoas comecem a empregar teorias redutivas, idéias antigas e simplificadas. A segunda área é nos campos da literatura e humanidades para os quais a psicanálise continua a oferecer uma dimensão a suas investigações, ainda substancialmente influenciadas por ela.

RP—Os psicanalistas trabalham com coisas não palpáveis, que não se pode tocar. Como a pesquisa pode ser realizada no campo psicanalítico?

DT—A pesquisa psicanalítica existe. Esta é a primeira coisa a dizer. A psicanálise somente sobreviverá se a pesquisa psicanalítica continuar. Isso significa ter alguém no consultório envolvendo-se e pensando em questões difíceis, gerando novas formulações, novas idéias ou, o que é igualmente importante, repensando áreas antigas, porque o conhecimento se deteriora, a não ser que haja um processo contínuo de tirá-lo da estante, examiná-lo, pensar em como precisamos reformulá-lo à luz dos desenvolvimentos. Isso é altamente decisivo. Essa é a primeira coisa que devemos pensar, porque, se isso acabar, então nos tornaremos psicopatologistas do desenvolvimento, treinadores didáticos. Pode-se treinar as pessoas na mentalização, mas isso não é psicanálise. Isso pra mim é o crucial. Devemos nos perguntar se estamos escolhendo as pessoas certas, lhes oferecendo a formação correta, o melhor ambiente, encorajando uma atitude questionadora e evitando ortodoxia

de qualquer tipo para que formem grupos que satisfaçam uma idéia. Estamos, em outras palavras, promovendo a independência da mente instruída e não qualquer outro tipo de mente? Esse é o primeiro ponto. O segundo ponto é que é uma tarefa difícil e devemos reconhecê-lo. Penso que se deve falar sobre as dificuldades e não negá-las. Realmente acredito que se pode fazer outros tipos de investigações inspiradas e baseadas em idéias psicanalíticas que desenvolvem o mapeamento dessas idéias e suas implicações como, por exemplo, quando se consegue encontrar um índice. Bion disse que a ansiedade não tem forma, cheiro, etc, mas ninguém deixa de perceber a sua presença na sala. Então não é exato dizer que a ansiedade não tem forma, cheiro, etc. A ansiedade é um evento psicossomático quando aparece nas pupilas, na transpiração.

Os seres humanos são excelentes leitores de outros seres humanos. Na verdade, se pedirmos a um grupo de pessoas para avaliar até mesmo a sutil presença de estado mental em uma pessoa, descobriremos que há um grau surpreendente de coincidência. Em outras palavras, as pessoas concordam sobre esse fenômeno. A boa formação em psicanálise envolve sensibilização, pois há um sistema detector de emoções que todos os seres humanos possuem. Pode-se encontrar derivativos. Por exemplo, vamos dizer que alguém tenha feito psicanálise ou psicoterapia e começou a análise incapaz de pensar a respeito de sentimentos e emoções. Acho que, se o tratamento foi significativo para a pessoa, será possível observar uma mudança discernível de funcionamento. Essa função não é somente a de aplicar uma rotina ou fórmulas, trata-se de algo muito mais orgânico, diferenciando o orgânico do não-orgânico. Por exemplo, em pacientes que falam sobre dor crônica de origem psicogênica, é possível observar que eles falam sobre as coisas de maneira diferente, falam sobre a dor de maneira diferente. Acredito que existem coisas observáveis.

A mensuração é um outro ponto, um ponto complexo. Mas, além disso, há a pergunta: “Isso pode acrescentar conhecimento novo? Isso pode fazer com que olhemos as coisas de maneira diferente?” Eu diria que sim, mas precisamos examinar exemplos. Contudo, a outra coisa que se pode fazer, bastante importante, significa passarmos de um fenômeno psicanalítico cheio de significado para o campo da observacionalidade. Isso significa nos deslocarmos do campo público para o campo científico, fora da análise. Pode-se usar esses achados das observações para desafiar outras teorias, para começar a fazer questionamentos. Podemos dizer: “Isto é a sua teoria não examinada e este é o nosso exame desta teoria. Nosso exame desta teoria com essas observações validou isto, isto e mais isto”. A mensuração, se quiserem. É o desafio de uma idéia ou seu questionamento. Isso é parte do processo científico que acredito ser tremendamente vantajoso. Da mesma forma,

pode-se desafiar idéias psicanalíticas, o que também é muito importante. Você acha que acredita no inconsciente, mas o que significa inconsciente para você? É uma pergunta muito justa.

RP–*Gostaríamos de agradecer por nos dar esta palestra e por nos dedicar um pouco do seu tempo.*

DT–Obrigado por seu tempo psicanalítico disciplinado. □

Tradução de **Janisa Antoniazzi**
Revisão técnica de **Tula Bisol Brum**

David Taylor
27 Heath Hurst Road
NW3 2RU – London – UK
e-mail: Dtaylor@aol.com

© Revista de Psicanálise – SPPA